



MATERIALISMO, CIÊNCIA E METAFÍSICA EM MARX

GEDEÃO MENDONÇA DE MOURA¹

RESUMO: Pretendo, neste artigo, tratar da relação entre materialismo, ciência e metafísica na obra de Marx, ainda que de forma bastante rápida. As questões que orientam esta exposição são as seguintes: mesmo se declarando um pensador materialista, Marx não seria ainda tributário da metafísica pelo fato de não abandonar por completo certas reminiscências metafísicas? Isso não gera uma incoerência no interior de sua nova concepção [materialista] de mundo, que é estabelecida justamente para se contrapor às muitas concepções idealistas de sua época, e pretende revelar a “única” e verdadeira “ciência da história” (MARX & ENGELS, 2007, p. 86)? Assim, o empreendimento teórico de Marx estaria apenas assentado sobre bases científicas, e tão afastado quanto possível do terreno da metafísica?

PALAVRAS-CHAVE: materialismo, ciência, metafísica.

ABSTRACT: I intend, in this article, to deal with the relation between materialism, science and metaphysics in Marx's work, albeit quite quickly. The questions that guide this exposition are the following: even declaring himself a materialist thinker, would not Marx still be a tributary of metaphysics because he did not abandon certain metaphysical reminiscences altogether? This does not create an incoherence within his new materialistic conception of the world, which is set forth precisely to counteract the many idealistic conceptions of his time, and seeks to reveal the "unique" and true "science of history" (MARX & ENGELS, 2007 p. 86)? So Marx's theoretical enterprise would be based only on scientific grounds, and as far removed from the realm of metaphysics as possible?

KEYWORDS: materialism, science, metaphysics

Sabemos, de antemão, que o espaço de um artigo jamais será suficiente para dar conta dos temas que aqui se propõe expor, visto que se tratam de questões muito mais complexas da obra de um autor clássico que, mesmo independentemente do espaço que tenhamos, não é possível ser esgotada. Mas como se tratam de problemas que me ocupo em uma pesquisa mais ampla, recorro a este espaço mais para animar o debate em torno deles do que propor soluções mais lapidadas. Isso posto, sigamos.

Poucos colocam em dúvida a tese segundo a qual Marx é um filósofo materialista, sendo a sua teoria assim também caracterizada. Quando ele formula aquilo que denominamos de sua teoria materialista da história, o seu objetivo, dentre outros, é contrapô-la a um conjunto de

¹ Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: gedeaomoura@hotmail.com.

concepções idealista vigentes na Alemanha – na passagem da primeira para a segunda metade do século XIX. Além disso, Marx sempre se esforçará, no decorrer do seu percurso teórico, para conferir à sua teoria o caráter de ciência. Pois, para ele, as outras teorias que se ocupavam da história e de tantas outras questões tinham apenas um caráter ideológico.

Desse modo, a ciência pode ser compreendida como aquilo que se contrapõe à ideologia; ela, portanto, se aproxima do trato empírico e prático dos homens e, por isso, tende a se distanciar do que é transcendente, puramente especulativo e metafísico. Para Marx, ciência, nesse sentido, tem a ver também com materialismo. Pelo menos é isso que se faz notar em *A Sagrada Família* [2003], em *A Ideologia Alemã* [2007], no prefácio de *Para a Crítica da Economia Política* [1974] e em *O Capital* [2010]. Nesta última obra, ele vai sustentar, por exemplo, que as “formas celestiais” devem ser esclarecidas “partindo das relações da vida real”, para só assim “descobrir o cerne terreno das nebulosas representações religiosas”. E esse modo de operar representa “o único método materialista e, portanto, científico”² (MARX, 2010, p. 429).

A Sagrada Família é a primeira obra na qual Marx se aproxima de maneira mais efetiva do materialismo. E ainda que não seja possível encontrar, nessa obra, o seu materialismo de forma acabada, nela já estão presentes algumas proposições que o vão compor futuramente em *A Ideologia Alemã*. Uma dessas proposições é a seguinte: Marx assegura que uma mudança no pensamento, por si só, não é capaz de produzir uma mudança na realidade, embora alguns jovens hegelianos costumassem sustentar o contrário.

Segundo Marx, esses filósofos procuravam convencer, por exemplo, que os trabalhadores assalariados superariam tal condição na medida em que fossem capazes de superar, no pensamento, o trabalho assalariado, pois deixariam de se considerar trabalhadores assalariados no pensamento³. Isso posto, Marx já chama a atenção para um importante aspecto do seu materialismo, a saber, as mudanças que ocorrem no pensamento são decorrentes, em certa medida, das mudanças que se dão na realidade material e social. Um tipo de mudança está vinculado ao outro, mas não há como negar que, em última instância, não é a mudança no pensamento que produz uma mudança real, efetiva; na verdade, são as mudanças que ocorrem

² “Es ist in der Tat viel leichter, durch Analyse den irdischen Kern der religiösen Nebelbildungen zu finden, als umgekehrt, aus den jedesmaligen wirklichen Lebensverhältnissen ihre verhimmelten Formen zu entwickeln. Die letztere ist die einzig materialistische und daher wissenschaftliche Methode” (MARX, 1962, p. 393).

³ “A Crítica crítica, pelo contrário, quer fazê-los crer que deixarão de ser trabalhadores assalariados na realidade apenas com o fato de superar em pensamento o pensamento do trabalho assalariado, apenas com o fato de deixar de se considerarem trabalhadores assalariados em pensamento” [...] (MARX & ENGELS, 2003, p. 66).

na realidade que acabam por transformar o pensamento. Assim, o trabalho assalariado somente deixará de existir quando for abolida essa relação das práticas sociais.

No prefácio de *Para a Crítica da Economia Política*, Marx relembra que, em *A Ideologia Alemã*, Engels e ele se posicionam de maneira crítica em relação às influências da escola hegeliana e da “filosofia pós-hegeliana”, se colocam contra tudo aquilo “que há de ideológico na filosofia alemã” e, assim, acertam as suas contas com a “antiga consciência filosófica” deles (MARX, 1974, p. 136-137). Esta “antiga consciência filosófica” estava, certamente, demasiado vinculada à tradição de pensamento hegeliana, ou seja, uma tradição muito abstrata, especulativa, pouco empírica, que não tem muito com que contribuir para a tarefa teórica e prática da construção de uma nova ciência, que sempre foi o que Marx almejava fundar.

É n’*A Ideologia Alemã* que Marx, de fato, funda o seu materialismo e começa a estabelecer as bases de uma nova ciência, a ciência da história⁴. Mais adiante, especialmente em *O Capital*, essa ciência estará bastante vinculada à ciência da economia política, a única capaz de desvendar a anatomia da sociedade burguesa⁵: tarefa que representou um dos principais esforços teóricos de Marx.

Em *A Ideologia Alemã*, Marx – para destacar a sua concepção materialista e histórica, portanto, científica, das concepções ideológicas – considera que “toda concepção histórica existente até então”, concepções essas idealistas, não atentaram, por isso mesmo, para a “base real da história”⁶ (MARX & ENGELS, 2007, p. 43). Pois elas sempre tomaram as formas de consciência, isto é, a moral, a filosofia, o direito, a religião, a teoria, dentre outras coisas, como algo totalmente desvinculado da realidade material e social. Desse modo, as concepções idealistas eram incapazes de considerar que são as condições materiais de uma dada época, ou seja, a maneira como se produz e reproduz a própria vida, que se apresenta como a “base real” de onde emergem tais formas de consciência. Com isso Marx quer dizer que a sua concepção [materialista] de mundo dá conta disso porque melhor esclarece essa questão, já que em sua

⁴ “Só conhecemos uma única ciência, a ciência da história” (MARX & ENGELS, 2007, p. 86). É essa ciência, então, que precisa ser fundada.

⁵ [...] “a anatomia da sociedade burguesa [*bürgerliche Gesellschaft*] deve ser procurada na Economia Política” (MARX, 1974, p. 135).

⁶ “Die ganze bisherige Geschichtsauffassung hat diese wirkliche Basis der Geschichte entweder ganz und gar unberücksichtigt gelassen oder sie nur als eine Nebensache betrachtet, die mit dem geschichtlichen Verlauf außer allem Zusammenhang steht” (MARX & ENGELS, 1978, p. 39).

concepção a “base real da história [*wirkliche Basis der Geschichte*]” é sempre levada em consideração⁷.

É possível dizer a partir disso que, em termos de concepção de história, o que Marx está propondo com a comparação entre as concepções idealistas e a sua concepção materialista é uma inversão de fundamentos. Os fundamentos das concepções idealistas da história, para Marx, são “extra e supraterrano [*Extra-Überweltliche*]”, ou seja, fundamentos que não estabelecem vínculos significativos com a realidade material e social.

“Enquanto os franceses e os ingleses”, diz Marx, “se limitam à ilusão política, que se encontra por certo mais próxima da realidade”, “os alemães”, por sua vez, se movem no âmbito do ‘espírito puro’ e fazem da ilusão religiosa a força motriz da história”. Ele complementa sustentando que “a filosofia hegeliana da história é a última consequência, levada à sua ‘mais pura expressão’, de toda a historiografia alemã [...] (MARX & ENGELS, 2007, p. 44).

Como é possível constatar, a forma sobre a qual se estrutura a história, segundo a “historiografia alemã [*Deutschen Geschichtschreibung*]”, é aquela que concebe a história e o seu desenvolvimento como fruto de um fundamento religioso, obra do “espírito puro [*reinen Geistes*]”, da “autoconsciência”, da “substância” ou de qualquer outro “fantasma metafísico”⁸. Mas a história é o resultado do desenvolvimento e superação das contradições postas pelo real social, tendo sempre como fundamento “relações terrenas reais” [sendo as relações de produção o fundamento primeiro] a partir das quais é possível esclarecer, inclusive, as “formações teóricas nebulosas” (MARX & ENGELS, 2007, pp. 44-45) que tomam como ponto de partida fundamentos que transcendem a própria realidade dada⁹.

Do que foi rapidamente exposto, é possível notar que Marx não pretende fundar a sua concepção de mundo [*Weltanschauung*], a qual se pode também denominar de materialismo, em fundamentos que não sejam passíveis de exame e comprovação empírica. Em outras palavras, Marx procura afastar a sua concepção de fundamentos metafísicos, a-históricos e não “terrenos”.

⁷ “Marx e Engels desenvolveram a maioria dos diversos temas do materialismo histórico em oposição às correntes idealistas vigentes, que retratavam o avanço histórico como, de um modo ou de outro, consequência do desenvolvimento do espírito humano [ou algo parecido]” (SHAW, 1979, p. 151).

⁸ Ironicamente, Marx denomina de “fantasma metafísico” o procedimento de exposição da história que parte de pressupostos que aparentemente estão separados da realidade material/social, mas que, na verdade, é uma decorrência causal dela. Como vimos, tais pressupostos são denominados de “substância”, “autoconsciência”, “espírito puro”, etc.

⁹ “Muito mais do que um divertimento científico seria explicar, inclusive no detalhe, o fenômeno curioso dessas formações teóricas nebulosas a partir das relações terrestres reais” (MARX & ENGELS, 2007, p. 45).

Além disso, ainda diante dessas sucintas observações, é possível constatar que Marx concebe a ideologia como aquilo que não apenas difere, mas que se contrapõe à ciência. Assim, a sua teoria da história, o seu materialismo, aquilo que Engels denomina de nova concepção de mundo [*neuen Weltanschauung*], é, segundo Marx, mais verdadeiro, devido ao recurso à ciência, do que o conjunto das demais concepções que se assentam sobre meras asserções ideológicas. Isto é, asserções que não levam em consideração um modo científico de proceder e, dessa maneira, se perdem nos labirintos da especulação pura, da abstração, da transcendência, de forma que acabam negando a importância das condições objetivas – materiais e sociais – na fundação de toda concepção¹⁰.

Quase quatorze anos depois de estabelecer as bases do seu materialismo em *A Ideologia Alemã*, Marx resume os resultados teóricos e científicos obtidos naquela época no prefácio de *Para a Crítica da Economia Política*. Esses resultados¹¹, aos quais o próprio Marx se refere, são muito importantes porque eles formaram a base sobre a qual os posteriores estudos do autor se assentaram. Chamo a atenção para isso em razão de que o fundamento, o método de investigação, o procedimento científico, etc., através dos quais Marx constrói toda a sua crítica da economia política, cuja elaboração teórica mais completa se encontra n’*O Capital*, podem ser encontrados, em certa medida, nos seus escritos de juventude também. Isso mostra que resta muito mais do jovem no velho Marx¹² do que estavam dispostos a admitir alguns antigos comentaristas ortodoxos.

No prefácio de *Para a Crítica da Economia Política*, Marx retoma de maneira sucinta aspectos fundamentais do seu materialismo que foram frequentemente expostos nos seus escritos de juventude. Nesse texto, Marx declara que as “relações jurídicas, tais como formas de Estado, não podem ser compreendidas nem a partir de si mesmas”, nem do “chamado desenvolvimento geral do espírito humano [*allgemeinen Entwicklung des menschlichen Geistes*], mas, pelo contrário, elas se enraízam nas relações materiais da vida [*materiellen Lebensverhältnissen*]” (MARX, 1974, p. 135). A compreensão dessas relações jurídicas e formas de Estado, portanto, passa pelo esclarecimento das “relações materiais da vida”, pois

¹⁰ “Ali onde termina a especulação, na vida real, começa também, portanto, a ciência real, positiva, a exposição da atividade prática, do processo prático de desenvolvimento dos homens. As fraseologias sobre a consciência acabam e o saber real tem de tomar o seu lugar. A filosofia autônoma perde, com a exposição da realidade, seu meio de existência” (MARX & ENGELS, 2007, p. 95).

¹¹ Resultados os quais Marx assegura que serviram “de fio condutor aos meus estudos” (MARX, 1974, p. 135).

¹² Além do método, em outras partes da minha tese demonstro, por exemplo, que o conceito de homem muda pouco ou quase nada do período de juventude (*Manuscritos Econômico-Filosóficos*) ao período da maturidade (*O Capital*).

aquelas formas e relações não estão desvinculadas dessa esfera prática da vida comum, na verdade nela se originam.

Mais adiante, complementando essas afirmações, Marx sustenta que “a totalidade” das “relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade”, sendo esta nada mais que “a base real sobre a qual se levanta uma superestrutura jurídica e política”, e a esta superestrutura “correspondem formas sociais determinadas de consciência”. Marx segue dizendo que “o modo de produção da vida material condiciona o processo em geral de vida social, político e espiritual”, disso decorrendo que “não é a consciência dos homens que determinam o seu ser, mas [...] é o seu ser social que determina sua consciência” (MARX, 1974, p. 135-136). Esta última afirmação corresponde fielmente a uma declaração de Marx em *A Ideologia Alemã*, onde ele assegura que “não é a consciência que determina a vida, mas [...] é a vida que determina a consciência” (MARX & ENGELS, 2007, p. 95).

Essas declarações vão pondo em evidência o caráter do materialismo de Marx. As condições objetivas e práticas, a realidade material e social, o conjunto das relações sociais que disso decorre são de total importância para a elaboração do seu ponto de vista. Assim, Marx chega à compreensão de que as formas de consciência em geral e a própria consciência não gozam, principalmente em relação às práticas sociais, de toda aquela suposta independência reivindicada pelo idealismo. As formas de consciência, aliás, são quase que uma decorrência causal das condições materiais e sociais [aquilo que Marx chama também de estrutura econômica]. É por isso que ele alega que a transformação dessas formas [para as quais ele também emprega a expressão “superestrutura”] passa pela transformação das condições materiais e sociais das quais elas decorrem, visto que Marx assegura que, “com a transformação da base econômica, toda a enorme superestrutura se transforma com maior ou menor rapidez” (MARX, 1974, p. 135-136).

Parece que, para melhor firmar a sua concepção materialista, Marx quer se distanciar de Hegel. Pois enquanto este filósofo concebe o processo histórico como o “desenvolvimento geral do espírito humano”, que é um modo de manifestação do próprio espírito absoluto, Marx, por sua vez, concebe esse processo como o resultado da “contradição” entre, por um lado, as “forças produtivas” e, por outro, as “relações de produção”. É através da superação [*Aufhebung*] dessa contradição que se inicia uma nova forma social com o seu correspondente modo de produção (MARX, 1974, pp. 135-136). Mas, ainda que o processo histórico, para Marx, seja impulsionado por disputas mais concretas que ocorrem na esfera da sociedade civil e da própria

economia, tal processo, assim como em Hegel, é perpassado por certa teleologia¹³; uma vez que “as forças produtivas que se encontram em desenvolvimento no seio da sociedade burguesa criam ao mesmo tempo as condições materiais” e necessárias para a superação da contradição acima apontada. Assim, com o fim da “formação social” burguesa “se encerra a pré-história da sociedade humana” (MARX, 1974, p. 136), e se instaura, portanto, uma nova forma social e um novo homem.

Pelo menos desde *A Ideologia Alemã* até *O Capital* Marx teve muito tempo para amadurecer o seu materialismo e estabelecer, de forma segura, a sua noção de ciência, em virtude de exaustivos estudos de economia política. Ele escreve a sua obra principal convicto de que estava fazendo uma ciência verdadeira, à medida que empreendia uma criteriosa crítica da economia política clássica, chegando à conclusão de que essa construção teórica, embora alimentasse a pretensão, nunca alcançou, realmente, o status de uma ciência.

Em *A Ideologia Alemã*, Marx afirma que a “ciência real [*wirkliche Wissenschaft*]” começa “onde termina a especulação” e assegura que o seu campo de atuação é a “vida real”, a “atividade prática”, ou seja, o “processo prático de desenvolvimento dos homens”. Desse modo, quando surge a ciência, “as fraseologias sobre a consciência acabam e o saber real [*wirkliches Wissen*] tem de tomar o seu lugar”; e ele complementa sustentando que, “com a exposição da realidade”, “a filosofia autônoma perde” o “seu meio de existência” (MARX & ENGELS, 2007, p. 95). Entendo que quando Marx contrapõe ciência à especulação, esta última envolve, também, formas de pensamento metafísico em geral.

No entanto, parece que a noção de ciência que Marx emprega em *O Capital* não deixa de ter um acento metafísico. O modo como ele expõe os objetos e as relações de que trata em sua obra principal já demonstra isso. Em todo o seu texto, Marx abusa de expressões como “forma de manifestação [*Erscheinungsform*]” como contraponto à “relação” e “forma essencial [*wesentlichen Form*]”, ou “formas de manifestação e seu fundo oculto”. Sendo que as “formas comuns e correntes de pensamento” só conseguem apreender aquela primeira, já a segunda, ou seja, a relação essencial, o fundo oculto daquilo que se manifesta “tem de ser antes descoberto pela ciência” (MARX, 2010, pp. 622 e 625).

Marx afirma em outra parte “que na aparência as coisas se apresentam frequentemente invertidas”, sendo essa, para ele, uma das premissas fundamentais de todas as ciências (MARX,

¹³ “Even if the *Preface* is not regarded as Marx's definitive account of history – and we stress instead his more open-ended, empirical interpretation, as some commentators have done [e.g., Sayer 1987] – we are still left with a highly teleological theory of capitalism, with its downfall being the inevitable result of its inner contradictions” (EDGELL and TOWNSHEND, 1993, p. 729).

2010, p. 617). Assim, a economia política clássica, segundo Marx, não pode ser considerada uma ciência propriamente, visto que ela lida apenas com aquilo que se manifesta imediatamente e não com aquilo que está por detrás da superfície dos fenômenos, ou seja, não é capaz de captar as formas e relações essenciais¹⁴.

Por outro lado, é a crítica que Marx faz à economia política que se revela como *a* verdadeira ciência, porque ela se ocupa do “processo de reprodução em sua forma fundamental”, se afastando, assim, “de todas as interferências perturbadoras”, de modo que se desprende “de todos os ilusórios subterfúgios que assumem a aparência de explicação ‘científica’” (MARX, 1980a, p. 487). Nesses termos, ciência, para Marx, é conhecimento da essência, pois ele mesmo sustenta que “toda ciência seria supérflua se houvesse coincidência imediata entre a aparência e a essência” (MARX, 1980b, p. 939).

O que chama a atenção é que esse esquema de interpretação do real, ao qual Marx quer atribuir a marca de ciência, é próprio da metafísica e já estava presente, por exemplo, em Platão e Hegel. Hegel diz que só a cientificidade pode garantir a validade da filosofia, e, por isso, cumpre trabalhar para que “a filosofia se aproxime da forma da ciência” (HEGEL, 2000, pp. 23 e 61). Em outro momento, trata a aparência como o não-ser e o fenômeno é encarado como algo que carece de verdade (HEGEL, 2000, pp. 102 e 104). Já Platão diz não “reconhecer outra ciência” senão aquela “que tem por objeto o Ser e o invisível” (PLATÃO, 1997, p. 243). Ora, o Ser e o invisível não são entidades dadas imediatamente, assim como as formas e as relações essenciais em Marx. Na verdade, elas se encontram até mesmo obnubiladas pelo real aparente.

Marx chega a considerar, como partidário do platonismo¹⁵, que em determinados aspectos do real “as coisas se apresentam mascaradas, isto é, invertidas”. Diante disso, ele trata os capitalistas como “prisioneiros da concorrência” (MARX, 1980b, p. 264), sendo a concorrência, exatamente, um âmbito da realidade onde as coisas se apresentam de uma maneira segundo a qual não *estão* de acordo com aquilo que *são*. A ciência de Marx surge,

¹⁴ “A economia política via a aparência, o fenômeno, e esgotava-se em tentativas de interpretação contraditórias” (MARX, 1980b, p. 244).

¹⁵ José Crisóstomo de Souza, diante de determinados aspectos da obra de Marx, costuma ver nele um filósofo “platônico” “que pretende aceder, pela ciência-teoria, à realidade essencial, última, das coisas, que mostra o inverso da experiência dos homens em geral. O ‘platonismo’ de Marx propõe uma realidade concebida apenas pela razão superior, acessível apenas pela ciência, que é o contrário da experiência [que é erro, ocultação]. De modo que todos os homens, exceto o homem teórico, chafurdam no sensível e no mundo da aparência, numa condição em que, por definição, não podem acessar a verdade” (2004, p. 18). Próximo a isso, Gerd A. Bornheim afirma que “Marx não vai além de uma inversão do platonismo, sem abandonar a dicotomia platônica” (1977, p. 201), já que Marx continuaria trabalhando com a distinção metafísica entre aquilo que é *verdadeiramente* e aquilo que tem apenas uma existência secundária, accidental.

portanto, como a verdadeira ciência capaz de demonstrar aquilo que há de falso e ilusório na concorrência, ao passo que a apresenta como de fato ela é.

Entendo que essa concepção de ciência como conhecimento da essência é demasiadamente ambiciosa e metafísica. Com ela Marx parece retomar a pretensão de que a filosofia tem condições de estabelecer as bases, de forma necessária e suficiente, para conhecer as coisas como de fato elas são. Desse modo, essa concepção se afasta consideravelmente de uma noção de ciência que está mais ligada a procedimentos empíricos e demonstrativos, noção essa que o próprio Marx parece querer reivindicar n' *A Ideologia Alemã*, quando assegura que “os pressupostos de que partimos não são pressupostos arbitrários, dogmas, mas pressupostos reais” que podem ser “constatáveis por via puramente empírica” (MARX & ENGELS, 2007, pp. 86-87).

Portanto, ao retomar, em sentido tão forte, a distinção essência/aparência, Marx não estaria ressuscitando um “fantasma metafísico”, ainda que não seja necessariamente aqueles, tais como “autoconsciência”, “substância” (MARX & ENGELS, 2007, p. 40), etc., contra os quais ele lutou para sepultar nos seus trabalhos de juventude?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORNHEIM, Gerd. *Dialética: Teoria, Práxis*; Ensaio para uma Crítica da Fundamentação Ontológica da Dialética. Porto Alegre: Editora Globo, 1977.

EDGELL, Stephen and TOWNSHEND, Townshend. “Marx and Veblen on Human Nature, History and Capitalism: Vive la Différence!”. In: *Journal of Economic Issues*. Vol. XXVII, nº 3, September, 1993, pp. 721-739.

ENGELS, Friedrich. *Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã*. Trad. Carlos Grifo. Lisboa: Editorial Presença, 1974.

HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Trad. Paulo Meneses. 5ª Edição. Petrópolis, Editora Vozes: 2000.

MARX, Karl. *O Capital: Crítica da Economia Política*. Livro I. Trad. Reginaldo Sant'Anna. 27ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

_____. “Das Kapital: Kritik der politischen Ökonomie”. Buch I. In: *Karl Marx - Friedrich Engels Werke*. Band 23. Berlin: Dietz Verlag, 1962.

_____. *O Capital: Crítica da Economia Política*. Livros II. Trad. Reginaldo Sant'Anna. 3ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980a.

_____. *O Capital: Crítica da Economia Política*. Livros III. Trad. Reginaldo Sant'Anna. 3ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980b.

_____. *Para a Crítica da Economia Política*. Trad. José Arthur Giannotti e Edgar Malagodi. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A Sagrada Família*. Trad. Marcelo Backes. São Paulo: Boitempo, 2003.

_____. *A Ideologia Alemã*. Trad. Rubens Enderle, Nélcio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. “Die deutsche Ideologie”. In: *Karl Marx - Friedrich Engels Werke*. Band 3. Berlin: Dietz Verlag, 1978.

PLATÃO. *A República*. Trad. Eurico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

SHAW, William H. *Teoria Marxista da História*. Trad. Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

SOUZA, José Crisóstomo de. “A Teoria Marxiano-Althusseriana do Desconhecimento.” *Ideação*, Feira de Santana, nº 13, p. 15-37, jun./jan. 2004.